

promontoria

Revista de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve

Ano 12 - N.º 12
2015 - 2016

Editor

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade do Algarve
Campus de Gambelas, Faro
promontoria@ualg.pt

Comissão Editorial

António Paulo Oliveira
Maria João Valente
Renata Malcher de Araujo

Dossier Algarve Rural

Miguel Reimão Costa
Susana Calado Martins

Conselho Científico

Cláudio Torres (Campo Arqueológico de Mértola)
Cristiana Bastos (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa)
Joaquim Romero Magalhães (Universidade de Coimbra)
Jorge Alarcão (Universidade de Coimbra)
José Eduardo Horta Correia (Universidade do Algarve)
Jean Pierre Molenat (Centre National de la Recherche Scientifique, França)
Lawrence G. Straus (University of New Mexico, Estados Unidos da América)
Maria Jesus Viguera (Universidad Complutense de Madrid, Espanha)
Michael Kunst (Deutsches Archäologisches Institut, Alemanha)
Pedro Dias (Universidade de Coimbra)
Zília Osório de Castro (Universidade Nova de Lisboa)

IMPRESSÃO

Gráfica Comercial – Loulé
geral@graficacomercial.com
www.grficacomercial.com

TIRAGEM

250 exemplares

ISSN 1645-8052

DEPÓSITO LEGAL N.º 199519/03

Água, Hortas e Identidade no Barrocal Algarvio¹

Saberes ancestrais, problemáticas actuais

Sónia Tomé

Licenciada em Antropologia e Mestre em Sociologia pelo ISCTE -IUL

Enquadramento

O renovado interesse em possuir uma horta destinada ao auto-consumo, ou sugerir a alguém o cultivo de hortícolas em espaço próprio, reflecte, directamente, alguns dos problemas mais agudos das sociedades actuais, com tendência a agravarem-se num futuro próximo, como crises económicas, necessidades e desperdícios alimentares, segurança alimentar e saúde pública. Indirectamente, a poluição das águas e dos solos, alterações climáticas globais, etc. Neste contexto, em Portugal, na Europa e noutras partes do Mundo vão surgindo “*Hortas Sociais*”, “*Hortas Comunitárias*”, “*Hortas Pedagógicas*”... e muitas outras iniciativas alusivas à horta, tais como *Mercadinhos*, *Feiras e Cabazes*, *Oficinas e Workshops*, *Rotas* ou *Passeios Pedestres*.

No entanto, antes deste renovado interesse pelas hortas à escala nacional e supranacional, estimulado pelas referidas problemáticas da sociedade actual, há muito que as gentes do Barrocal Algarvio, reconhecem e valorizam a sua importância, embora os motivos para a cultivar tenham variado ao longo dos tempos (Tomé, 2008). Foi a forte identificação das gentes à horta e ao modo de vida rural, que fizeram com que a sua prática fosse mantida até à actualidade, ainda que em menor escala.

Baseado numa pesquisa mais ampla, realizada entre 2005 e 2008, no âmbito de uma Tese de Mestrado², o presente artigo incide sobre os saberes tradicionais inerentes ao Ciclo da Horta no Barrocal Algarvio, Concelho de Loulé, Algarve Central, um contexto social historicamente habituado a conviver com a escassez e o excesso de água (fig.1 e 2), devido ao clima Mediterrânico que caracteriza a Região.

¹ Antes de iniciar a minha argumentação, quero agradecer a Susana Calado e a Miguel Reimão pelo convite que me dirigiram para publicar o presente artigo neste número 12 da *Revista Promontoria*, na sequência do IX Curso Livre de História do Algarve com a temática “*O Algarve Rural*”, organizado pela Universidade do Algarve em 2012. Deixo ainda aqui o meu sincero agradecimento ao Professor António Rosa Mendes (que infelizmente já não está entre nós), que esteve na origem/início deste projecto “*O Algarve Rural*”, embora não tenha tido a satisfação de estar na sua conclusão.

² Tese de Mestrado em Sociologia, no ISCTE-IUL, intitulada “*A Água Dá, A Água Tira. Gestão Social dos Extremos da Água (Seca e Torrencialidade) no Barrocal Algarvio*” (2008), orientada pelo Prof. Doutor Pedro Prista, adaptada, ampliada e editada em livro em 2012 (referências na bibliografia). Refira-se que o presente artigo não segue as regras do novo acordo ortográfico.

Em “*A Água Dá, a Água Tira...*”, debruçei-me sobre o modo como as populações do Barrocal Algarvio gerem as situações de risco de seca e torrencialidade (riscos tradicionais), no âmbito de uma agricultura tradicional de sequeiro e regadio, de auto-subsistência, com base no saber ancestral. Neste texto, em complemento, de forma introdutória, discorre-se também sobre o contributo desses saberes ancestrais para a gestão dos novos riscos (alguns acima citados) decorrentes do progresso tecnológico.

No âmbito das alterações climáticas que ameaçam todo o Sul com a desertificação, e na tentativa de combate e adaptação a este fenómeno, definido em sentido amplo como um processo de desequilíbrio físico e social resultante do uso indevido do solo e da água, está amplamente reconhecida, em vários domínios científicos a nível internacional, a importância e a eficácia dos *métodos tradicionais* do uso da terra e da água praticados pelas populações locais, com base em saberes ancestrais, e a necessidade de fazer o seu levantamento exaustivo, mesmo considerando os seus limites (CCD, 1994; Louro, 2004; DENCA, 2005; Agudo, 2010).

Os dados etnográficos apresentados neste artigo, centrados no Ciclo da pequena Horta Familiar, mediterrânica, de auto-subsistência, foram antecidos, na sua versão original (tese de mestrado), pelo estudo do Ciclo da Fava, um cultivo de sequeiro, e sucedidos pelo estudo do funcionamento de dois *Regadios Tradicionais Colectivos de Água de Rojo* – o Regadio do *Nascente* e o Regadio da *Fonte Felipe*. No primeiro caso, analisou-se detalhadamente a gestão social da água de rega de uso comum, especialmente as cooperações e desacordos que se estabelecem entre regantes, no segundo, os trabalhos de recuperação das hortas destruídas por uma enxurrada. Sendo que, foi na interligação destas realidades que a Identidade do Alto Barrocal, melhor se revelou, assim como a sua Cultura Tradicional da Água. O que, infelizmente, não me é possível transpor para este pequeno texto, pelo que recomendo a consulta integral da obra “*A Água Dá, A Água Tira...*”.

Os dados a que nos reportamos, foram recolhidos entre 2005 e 2007, nas Freguesias de Querença, Tôr e Salir, as quais, confinando entre si, abrangem uma parte importante dos “Barrocais” do Concelho de Loulé, área territorial onde esta sub-região Algarvia, atinge a sua expressão máxima. O método de pesquisa então utilizado, foi o Método Etnográfico, cuja ferramenta principal foi a presença prolongada da investigadora junto da comunidade em estudo, da qual, ela própria, faz parte.

Antes de iniciar a exposição etnográfica³ sobre a ciência hortícola popular, especialmente no que concerne à sábia gestão da água de rega, parece-me importante comentar alguns dados numéricos. Por exemplo, quando analisamos as

³ Como referido, os dados etnográficos aqui apresentados constituem uma síntese dos elementos recolhidos durante o trabalho de campo.

estatística oficiais⁴ verificamos que o número real de habitantes que no Barrocal Algarvio se dedica à manutenção de uma horta familiar não está devidamente representado. Por questões metodológicas inerentes, encontram-se excluídos os reformados e as domésticas, por não serem considerados população activa, bem como elementos da população activa que, em regime de pluriactividade, em complemento a uma ocupação principal, trabalham as suas terras (Baptista, 2004; Tomé, 2008). Por outro lado, será erróneo avaliar o número de agricultores locais, através do número de vendedores de hortícolas nos Novos Mercadinhos, é que, tratando-se de uma pequena agricultura de auto-subsistência, actualmente os excedentes são sobretudo repartidos entre os membros da família... Se perguntarmos a qualquer agricultor porque não vende no mercadinho local, muito provavelmente a resposta não andarà longe da que se segue: *“Não vou vender produtos de qualidade, para depois comprar pior nos hipermercados, sabe-se lá de onde vêm!”*

A Água no Ciclo da Horta

No Barrocal Algarvio da actualidade, as pequenas hortas de cariz familiar, cultivadas em regime de policultura intensiva, localizam-se, preferencialmente, junto às casas, onde continuam em vantagem relativamente aos jardins (fig.8). Além destas hortas, protegidas com muros de protecção, persistem pequenos talhões cultivados nas várzeas (terras baixas), a poucos quilómetros de distância das principais povoações, às quais os agricultores acedem por via dos caminhos públicos e veredas comuns que dão acesso a conjuntos de hortas. Nestas zonas, actualmente regadas sobretudo com águas privadas tiradas a motor de poços e noras, vão subsistindo algumas hortas num ou noutro regadio colectivo, situado junto de um ou outro curso de água, onde outrora se localizavam as melhores terras para hortar.

Sementeiras, regas e colheitas

Março é o mês do ano em que na horta se executam o maior número de sementeiras, embora a época de alguns cultivos se inicie nos meses anteriores e a época de outros se prolongue para além dele. Semeia-se batata redonda, tomateiros, milho temporão, feijão de vagem, feijão de bago, pimentos... Mas se este é o mês de maior azáfama no que se refere às sementeiras, é também o de menor produção e maior carestia em produtos hortícolas. Nesta altura, à superfície da terra, encontramos apenas as favas e os *‘greséus’* semeados pela antiga *Feira da Barreira*

⁴ Censos e outros documentos referentes à agricultura, de âmbito nacional e regional.

(dia 8 Dezembro), os alhos que se semeiam a partir do final do ano e as cebolas a partir do início de Janeiro, o restante terreno encontra-se vazio à espera de ser semeado.

Para fazer face às oscilações climáticas, alguns agricultores costumam deitar cinza sobre os alhos, ora para os proteger da 'orvalheira', ora do calor excessivo, uma prática que alguns fazem sem saber a sua utilidade, apenas pela força do hábito, alegando que "se não fizer bem, mal também não faz".

Em Abril, continuam-se as sementeiras do feijão de vagem, do feijão de bago, das cebolas, dos pimentos e pepinos... Da batata redonda diz-se que "não deve ser semeada em Abril, porque paga com a rama", isto é, a rama cresce muito e as batatas não se desenvolvem. O mês de Abril é considerado por algumas pessoas como a chave do ano, determinante para encher nascentes de água, daí o ditado "Abril, água mil". Segundo justificam os agricultores, se chover próximo do início do Verão é mais provável que haja água de rega suficiente quando o calor apertar. Nos restantes meses sucedem-se outras sementeiras... outros saberes. Tornando-se indispensável o conhecimento aprofundado dos calendários agrícolas locais, variáveis em curtos espaços, consoante os tipos de terreno, de exposição solar, disponibilidades de água, etc. (veja-se Tomé, 2008).

Por outro lado, à semelhança de outros trabalhos e serviços agrícolas, muitos são os agricultores que, em cada mês, se regem pela boa ou má influência das fases da lua. No que se refere às batatas redondas, as luas mais indicadas para a sua sementeira são a *lua cheia*, porque 'enche o covate', e o *quarto crescente*, "porque as faz crescer"; em contra partida, evita-se o *quarto minguante* por fazer 'minguar' as batatas. Na horta, o minguante é apenas indicado para a colheita de cebolas e alhos, e para a cava destes últimos, impedindo que 'espiguem'.

Na área do Barrocal em estudo, também as datas de Festas e Feiras se constituem como pontos de referência para alguns cultivos, e podem variar de Freguesia para Freguesia, em função das vivências quotidianas dos seus habitantes, ao longo dos tempos. Por exemplo: em Salir é a *Feira de Paderne* (25 de Julho) que marca o início da sementeira da batata e do feijão serôdios; pelo contrário, em Querença é o termo desta sementeira que segue o calendário festivo, e este é marcado pela *Festa de Agosto* (dia 15).

A distribuição das sementeiras ao longo dos diversos meses do ano, aproveitando-se ao máximo o terreno da horta, em que uns cultivos vão sucedendo outros, assim como a presença de algumas árvores de fruto, vai permitir a existência de produtos hortícolas e frutas mais temporãs (precoces), e outros serôdios (tardios), com vantagem para o agricultor que deste modo pode usufruir de alimentos frescos por um período de tempo largo. Maio, Junho, Julho, Agosto e Setembro são os meses mais produtivos do ano, e aqueles com que maior regularidade se vai à horta. Por um lado, para 'regar de rojo' todos os cultivos que, sem excepção, não sobreviveriam à falta de água; por outro, apanhar os cultivos já

maduros (batata redonda, cebolas, feijão de vagem e bago, etc.) enquanto outros completam o seu ciclo de maturação (abóboras, milho, batata-doce, etc.).

Se interrogarmos um agricultor sobre quando começa a horta e quando termina, é comum apontar, de imediato, o mês de Março como o seu começo, por coincidir com o início das primeiras *'regas e rojo'*⁵, e o mês de Outubro como o seu termo. Depois de se deter mais demoradamente sobre a pergunta, conclui que afinal *"se a gente for a contar bem, a horta nunca termina"*, que *"as hortas estão sempre dando qualquer coisa"* ou ainda que *"na horta o trabalho nunca se acaba"*. Para o agricultor do Barrocal, o que melhor define uma horta, é a existência de água de rega em abundância, ou melhor, dispor de água é a condição primeira para a existência de uma horta, sem a qual os cultivos de Primavera e Verão estariam inevitavelmente condenados. A este propósito, um informante referia que *"toda a terra dá horta desde que haja água"*. Daí que a fava não seja normalmente reconhecida como a primeira sementeira da horta, como de facto é, pois trata-se sobretudo de um cultivo de sequeiro semeado preferencialmente no *'barrocal'*⁶, e na horta dispensa normalmente a água de rega (veja-se Tomé, 2008). Por seu turno, o mês de Outubro é apontado como o termo da horta, por coincidir com a altura em que as *'regas de rojo'* cessam com a chegada das primeiras chuvas, e quando se têm apanhados a (quase) totalidade dos seus produtos. Além disso, pelo S. Miguel, dia 29 de Setembro, era a altura do ano em que antigamente se pagava a renda das hortas, quer se continuasse nelas ou não, entregando-as limpas ao dono. Porém, à semelhança dos cultivos de sequeiro, na horta aproveita-se igualmente a *'rega da chuva'*, isto é tanto mais verdade, quanto mais temporã for a sementeira.

Não admira, por isso, uma certa preferência dos agricultores pelas sementeiras de Março, consideradas *'mais certas'*. Além de beneficiarem da *'rega da chuva'*, livram-se do calor excessivo que, por exemplo, no caso das batatas redondas provoca a *'traça'*, e correm menos riscos no que respeita a eventuais faltas de água para *'regar de rojo'* os diversos cultivos no caso de se secarem poços ou noras. Aliás, para anos secos diminuem-se as sementeiras serôdias. É a frequência das chuvas, durante o ano agrícola, que determina o início e o fim do período intensivo das regas pelo agricultor, este último coincidindo com os meses quentes de Verão. Deste modo, na horta, *'regas de rojo'* e *'regas da chuva'* complementam-se em algumas ocasiões. Por exemplo, se chover na altura em que os cultivos beneficiam, é possível aproveitar-se a *'rega da chuva'*, poupando-se tempo, trabalho e dinheiro; se, pelo contrário, na altura da sementeira a terra estiver muito seca, mesmo no mês de Março se efectua *'regas de rojo'*.

⁵ Tipo de rega tradicional, pormenorizada na página 20 deste artigo.

⁶ Quando mencionam a palavra *barrocal*, as gentes destas freguesias não estão normalmente a referir-se a uma das três sub-regiões em que comumente se divide o Algarve (Serra, Barrocal e Litoral), mas apenas a uma terra ruiva e quente, geralmente *magra*, onde há muita pedra e ausência de água.

No entanto, a chuva nem sempre beneficia a horta: quando chove muito as terras baixas ficam alagadas, conseqüentemente quando a terra seca *'entaipa'* ou *'encoída'* dificultando o brotar das sementes à superfície da terra; se chover muito e repentinamente, pode rasgar a terra sem a penetrar (situação válida para qualquer tipo de cultivo). Em alguns meses do ano, a chuva chega a ser prejudicial, daí o ditado *"Chuva pelo S. João tira a uva e não dá pão"*. Segundo alguns agricultores, a situação ideal é *"chover depois da sementeira estar nascida..."*.

Na realidade, o mês de Março é meteorologicamente muito irregular, pela manhã pode chover e à tarde levantar o tempo. O adágio *"Março marçagão, de manhã focinho de cão, ao meio-dia sol de Verão e à tarde um bom barrigão"*, conhecido entre as gentes, significa isso mesmo. Por isso, no dizer dos agricultores *"a gente quando pode é semeá-las"*, ou seja, logo que o tempo e a disponibilidade do agricultor o permitirem há que semear. O problema é que há sempre algo que pode escapar ao controlo do agricultor. Em anos de muita chuva, as sementeiras temporãs podem apodrecer mesmo antes de brotarem à superfície da terra, principalmente nas terras baixas, nestes casos, semear muito cedo pode ser um risco, sendo necessário tornar a lançar a semente à terra.

De qualquer modo, dada a incerteza sempre presente, o melhor é não acautelar demasiado determinado cultivo que possa prejudicar outros. Por exemplo: estávamos a 12 Março 2007 e não chovia, as favas semeadas na horta do Almarge, por Sebastião e Filomena, necessitavam já de ser regadas, mas como as batatas estavam por semear, e o casal não queria correr o risco de deixar atrasar esta sementeira para o mês de Abril, caso chovesse em breve impossibilitando o trabalho na terra, optaram pela sementeira de batatas, numa correria contra o tempo. Por vezes, para não se perderem as sementes, apressam-se as sementeiras em alguns dias ou mesmo semanas, como se costuma dizer *"pois não dão muito, dão pouco"*, o melhor é jogar pelo seguro. Atrasar as sementeiras é pô-las em risco de seca, caso o ano agrícola se revele seco.

Na horta, o milho continua a ser a sementeira mais trabalhosa, além das exigência em água de rega em abundância, é preciso *'arrendá-lo'*, *'amoitoá-lo'*, *'enleirá-lo'*, *'tirar a folha de baixo'*, *'tirar a bandeira'*, *'tirar a folhada'*... Verificou-se, no entanto, a sua perda de importância a partir das últimas décadas do século XX, a favor da batata redonda, devido à substituição dos animais de trabalho (burros e mulas) que dele se alimentavam, pelas alfaías motorizadas (tractores, motocultivadoras) que funcionam a combustível.

No entanto, apesar das inovações, coexistem lado a lado tecnologia moderna e arcaica, comportando, cada uma, vantagens relativamente à outra, e sempre que se justifica o agricultor faz uso da sua criatividade, improvisando com o que encontra à mão. Quem ainda possui um burro, consegue lavrar à charrua mesmo com a *'terra mole'* devido ao seu peso relativo, assim como pode lavrar as encostas do *'barrocal'*, no sentido das curvas de nível. Além disso, ao contrário dos

tractores, os burros produzem estrume, sendo este um dos principais motivos porque algumas pessoas não se desfizeram deles. Por outro lado, um idoso que tem um burro para o auxiliar na horta, goza também de maior autonomia, uma vez que não sabendo conduzir um tractor, pode lavrar a terra sem ter de pedir a alguém que o faça (fig.3).

Entre os cultivos que se fazem nestas hortas do Barrocal, a sementeira da batata está, actualmente, entre as mais comuns e frequentes, ultrapassando em quantidade produzida a sementeira do milho. Ao longo do ano agrícola, são várias as sementeiras que aí se fazem deste tubérculo: a '*batata redonda*' semeia-se em duas épocas, a primeira sementeira ocorre de Fevereiro a Março, considerada a '*Quarta-Feira de Cinzas*' a altura da '*melhor sementeira*', a segunda realiza-se em Agosto em pleno Verão. Segue-se a batata-doce, plantada de Maio a Junho. Tendo em vista a época do ano em que são semeadas/plantadas, e as espécies cultivadas, cada qualidade de batata comporta especificidades no que respeita à rega.

Segundo testemunham os agricultores, a '*batata redonda*' (de várias espécies), sobretudo a serôdia, é um dos cultivos mais exigentes em água, o que a torna numa das suas grandes preocupações (se não a maior), na época das regas intensivas. Quando semeada em Fevereiro/Março a batata beneficia da '*rega da chuva*' e livra-se do calor de Verão que, quanto muito, e na falta de água, fazem-na correr o risco de criar '*traça*'. Em Agosto, sem aquelas vantagens, a gestão da água de rega carece de uma melhor organização, semeando-se as batatas por vezes à '*leira rasa*'. Na '*leira rasa*', os retalhos de batatas são tapados apenas com uma fina camada de terra, o que lhes permite ficar em contacto máximo com a água de rega, mesmo quando pouca, havendo, no entanto, que ter mais cuidado quanto aos desniveis no terreno (veja-se Tomé, 2008).

Porém, apesar do calculismo do agricultor, mais uma vez o risco está sempre presente. No caso das batatas serôdias em particular, a altura de as apanhar (Outubro/Novembro) coincide com o início da época das chuvas. Assim, quando começa a chover consideravelmente convém que a sementeira já esteja apanhada sob pena de algumas batatas começarem a apodrecer na terra. No entanto, por vezes, acontece chover mais cedo do que o previsto, ou seja, antes da apanha das batatas, atrasando a colheita que assim fica suspensa na esperança que o tempo levante. O problema é quando as chuvas persistem durante semanas consecutivas, encharcando os terrenos que ficam pesados e muito difíceis (quase impossíveis) de trabalhar com as alfaias agrícolas, grandes ou pequenas. Situação semelhante aconteceu à família do *Manuel da Funcheira*, na Freguesia de Salir, em finais de Outubro de 2006: Após 15 dias consecutivos de forte chuvada, logo que parou de chover, esposa, marido e sogro rumaram até à horta onde, atascados em lama, tentavam a muito custo retirar da terra as batatas todas enlameadas, umas à '*enxada*' e ao '*sacho*', outras à mão (algumas delas já podres). Manuel socorreu-se com frequência da '*raspadoira*', uma chapinha em metal, que trazia atada ao cinto

das calças, e com a qual raspava a terra molhada que se grudava à enxada de cada vez que a lançava à terra em busca de batatas. A mulher, Maria de Lurdes, queixou-se que, semeadas à *'leira rasa'*, as batatas ficaram mais alagadas, tornando-se a *'terra apasuada'* (i.e. comprimida), além disso o batatal havia sido regado poucos dias antes da chuva, agravando a situação. Inversamente, no ano anterior, a mesma família, apanhou as batatas mais cedo com receio da chuva e depois acabou por não chover. A mulher desabafa: *"a gente não sabe quando é que chove, quando é que não chove, se chove muito, se chove pouco!"*.

Na realidade, a *'rega de rojo'* ajuda a planta a brotar da terra, a crescer e a amadurecer; no entanto, se mal conjugada com a *'rega da chuva'* pode, como se viu, prejudicar os cultivos. Deste modo, a gestão do número de *'regas de rojo'* pelos agricultores, sobretudo nas alturas de maior instabilidade climática, afigura-se de grande importância. Como o faz então o agricultor? No caso das *'batatas redondas'*, o agricultor sabe de antemão que o seu tempo de maturação é cerca de 2 meses e meio a 3 meses, dependendo do estado de desenvolvimento do *'olho da batata'* na altura da sementeira. Por outro lado, nas visitas frequentes que faz à horta, o agricultor apercebe-se do grau de humidade existente no terreno, com base na qual gere as *'regas de rojo'*. Esta percepção é efectuada através do aspecto do terreno, por exemplo, quando a terra está seca começa a rachar; por outro lado, através do toque e do olfacto o agricultor detecta a humidade presente no terreno, aos quais se juntam os seus conhecimentos meteorológicos. No fundo, a cada rega o agricultor(a) sente o pulsar da vida vegetal, permitindo-lhe calcular as necessidades de água dos cultivos e assim programar as próximas regas. No caso dos cultivos de Março, se não chover dentro de 8 a 15 dias a partir da data da sementeira, o agricultor deve regá-la de *'rojo'*. Trata-se de um jogo constante de equilíbrios em que o factor sorte (o acaso) desempenha um papel relevante.

A lavra

Apesar de actualmente por motivos ambientais de conservação do solo ser promovida a sementeira directa, segundo a tradição a terra para ser semeada deve antes ser lavrada. E para se poder lavar, a terra não pode estar nem muito seca nem muito branda. De modo que, as épocas localmente mais indicadas para este serviço são Outubro, Novembro e Dezembro, no *'barrocal'*, para as sementeiras de sequeiro (fava, *'greséu'*, trigo, cevada). Na horta, decorre na época das respectivas sementeiras, embora algumas pessoas aproveitem para lavar logo que a terra se encontra em boas condições.

Os agricultores explicam que, se a terra não for lavrada, as raízes dos cultivos têm dificuldade em romper a terra dura, acrescentado que *"a terra tem de ser remexida para a água penetrar melhor nas raízes"*, aquando das *'regas da chuva'*, e para se *'regar de rojo'*, preparando-se o terreno em *'leiras'* ou *'regos'*. Por

outro lado, para evitar desníveis de terreno que na horta sempre dificultam a 'rega de rojo' (ora fazendo recuar a água ou escorrer muito rapidamente), um ano lavra-se para um lado, no ano seguinte lavra-se para outro, passando-se de seguida com a 'fresa' para alisar os terrenos.

Além do mais, nem só com o objectivo de semear ou de beneficiar a terra para futuras sementeiras se lavram as terras, a lavra reveste-se ainda de uma importante função simbólica. A terra, seja horta ou não, constitui-se como um prolongamento da casa: uma informante referia que "a terra lavrada é como uma casa limpa". Quando se quer mostrar que uma terra não está abandonada, que tem um dono, lavra-se sem outro propósito, embora se justifique o acto com os benefícios da lavra para as árvores; um informante referia que "...abandonar não é só quem não semeia, é ter aqui uma terra e nunca mais lhe olhar, não mandar lavar, não mandar nada. Isso é que é abandonar... ". Assim, não raro, quando se passa junto a um terreno recentemente lavrado com ou sem arvoredo, comenta-se o benefício da lavra, elogiando-se o brio do seu proprietário.

A rega: um jogo complexo de controle da água

Depois da lavra e respectivo nivelamento do terreno, este último nem sempre fácil de conseguir, prepara-se a terra para receber a semente. É nesta fase que o agricultor escolhe o modo que lhe parece mais adequado para 'regar de rojo' os cultivos, quando for necessário. Por 'rega de rojo', em oposição à rega pela chuva ou outros sistemas artificiais como aspersão ou gota a gota, entendem os agricultores toda a rega independentemente da proveniência da água, já que toda ela roja até aos cultivos para os regar. Ou seja, mesmo quando a água é 'tirada' de poços ou noras, toda a rega (à excepção dos casos atrás enunciados) é 'rega de rojo', porque 'a água vai arrojando pela terra', e para ela se efectuar é necessário preparar a sementeira em 'leiras' ou em 'regos' por onde a água circulará até aos cultivos (fig.5). Geralmente a escolha entre 'leiras' e 'regos' é feita em função das necessidades de água específicas a cada tipo de cultivo, da época do ano em que ocorrem as regas e respectivas reservas de água disponíveis na horta, tentando evitar, sempre que possível, o desperdício de tempo e de trabalho.

Um terreno que está de 'lavadeira', ou seja, que tem inclinação, mesmo que pouco acentuada, é um terreno que sustém com dificuldade a água de rega junto das sementeiras, escorrendo esta rapidamente em alguns lugares, para ficar retida em outros onde os cultivos ficam melhor regados e, conseqüentemente, mais viçosos, enquanto os restantes podem apresentar um aspecto sequioso. Esta situação é tanto mais preocupante quanto menos água de rega existir disponível na horta. Assim, a organização da rega em 'leiras', sobretudo em 'leiras' pequenas, que enchem de água com maior facilidade, é nestes casos o mais indicado. Em vez de ser em linha recta, como no caso dos 'regos', o percurso da água nas 'leiras' faz-se

de modo quase labiríntico, demorando por isso mais tempo a percorrer todo o terreno semeado, e circulando mais devagar, contornando obstáculos, a água permanece mais tempo junto dos cultivos, que desta maneira ficam melhor regados, conseguindo-se mais facilmente distribuir uniformemente a água pela totalidade da sementeira.

Desta forma, o sistema de rega em *'leiras'* é o mais minucioso em benefício do máximo aproveitamento da água disponível, de uma maior eficácia da rega, controlando-se melhor a água, mas também de um melhor aproveitamento do terreno para cultivo, sendo por isso o mais exigente em perícia e em mão-de-obra. Como parte da minúcia deste sistema de rega, existem vários tipos de *'leira'* que o agricultor utiliza consoante a altura do ano em que ocorre a sementeira e as disponibilidades de água na horta, as características do terreno e as alfaias agrícolas utilizadas. Assim, as *'leiras'* podem ser ao *'covate, aos 'regos', com 'vais-e-vens'* ou *'rasas'*, conquanto que, na altura da sementeira, a escolha se faça apenas por um dos tipos. No entanto, ao longo de um mesmo *'canteiro'*, de modo a aumentar a eficácia da rega, sobretudo em situações de mingua de água, podem conjugar-se *'leiras'* maiores com *'leiras'* mais pequenas, estas últimas posicionadas no fim do terreno onde a água tem maior dificuldade em encher a superfície da *'leira'* (veja-se Tomé, 2008).

Depois do terreno devidamente organizado, a rega propriamente dita é uma tarefa que exige força, agilidade e rapidez, comportando ao mesmo tempo momentos de espera, mas sempre sem vergar muito o corpo. Agilidade, força e rapidez são necessárias para fechar as *'comportas'* no momento certo, impedindo que os cultivos alaguem ou as *'leiras'* rompam. De espera, porque é necessário esperar que a água percorra a *'leira'* ou o *'rego'* e suba até aos cultivos, para se desviar a água para a *'leira'* ou o *'rego'* seguinte (fig. 5). E enquanto se espera descansa-se sobre o cabo da enxada. Daí que este fosse o serviço preferido de quem andava a trabalhar para fora, chegando mesmo a ser considerado o mais leve da horta, bem evidente na expressão *"até as mulheres regam"* (fig. 6 e 7).

Os primeiros dias de rega são os mais trabalhosos. O motor de tirar água necessita normalmente de algum tipo de manutenção, embora o surgimento e adopção de bombas eléctricas tenha contribuído para diminuir essa preocupação. As *regueiras* em terra batida absorvem mais água e empapuçam com facilidade, sendo necessário o/a agricultor(a) ir calcando com a enxada a terra da regueira à passagem da água. No que respeita ao sistema de *'leiras'*, a rega faz-se nesta primeira fase num único sentido, de cima para baixo (a parte de cima de um terreno corresponde ao lado de onde provém a água), ou seja, abrem-se todas as *'comportas'* e vai-se regando as leiras paralelamente até ao final do terreno. A partir da segunda rega, já os *'combros das leiras e da arregueira'* estão compactados pela água, então, pode-se levar a água para baixo pelas *'leiras'* da direita, e trazer-se para cima pelas *'leiras'* da esquerda, ou vice-versa, num circuito em que a água

percorre os cultivos, regressando ao ponto de partida; nas regas seguintes, conforme se deixam as *'comportas'* abertas, assim se processa o sentido da rega.

Para melhor controlar a circulação da água entre os cultivos, sobretudo quando o terreno tem uma inclinação acentuada, fazem-se reforços constantes nas *'regas de rojo'*, recorrendo a *'tancadas'*, que são pequenas obstruções temporárias nas regueiras, obstruções feitas com terra, ervas, a enxada, ou os próprios pés do agricultor, calçando botas de borracha, de modo a fazer subir a água na *'leira'*, tentando manter a água por mais tempo junto dos cultivos. Por vezes, quando a rega já vai longa, as mãos secam e incham do contacto com a madeira do cabo da enxada, e, para as aliviar, humedecem-se com a própria saliva ou mergulha-se o cabo da enxada na regueira com água e prossegue-se a rega.

Embora por vezes haja que saltitar de *'combro'* em *'combro'* durante as regas, ao contrário do sistema em *'regos'*, este sistema facilita a circulação do agricultor pelo meio da horta, quer durante a rega como nas alturas de cavar a erva. Ajeitar os *'combros'* das regueiras e das *'leiras'*, limpar as ervas que aí sempre crescem, são tarefas constantes a cada rega que se efectua na horta. A expressão *"a horta exige aprumo"*, proferida por diversos agricultores ao longo do Trabalho de Campo, além da importância estética que lhe está inerente, não deixar crescer ervas na horta, leiras bem feitas, adianta na rega e gasta-se menos água. Portanto, a estética da horta está estritamente relacionada com a poupança de água de rega. Como referia uma informante, *"quem sabe regar, rega com metade da água"*.

O número de regas semanal é superior nas terras altas onde o terreno é mais quente e seco. Deste modo, nos terrenos de aluvião no fundo dos vales, efectuam-se de 8 em 8 dias, enquanto que no primeiro caso efectuam-se de 5 em 5 dias; sempre na certeza de que quanto mais calor, mais frequente deve ser a rega, em ambos os casos. Em anos de seca, as regas quase diárias são alternadas de momentos de espera que as águas dos poços, noras, furos... subam, chegando-se a regar apenas uma *'leira'* de cada vez. A frequência do número de regas depende ainda do tipo de cultivo, do seu estado de maturação e da manutenção que se lhe pretenda fazer. Por exemplo, as batatas redondas, o feijão e o milho são os cultivos da horta que devem ser regados com maior abundância de água. No caso do milho, depois de se lhe tirada a *'bandeira'* são necessárias, apenas, uma a duas regas no máximo. Por sua vez, depois dos alhos cavados e adubados deve-se regar para que o adubo fique bem dissolvido pela água e não os queime; ao contrário, quando se cavam as batatas, para eliminar a erva, não se deve regar logo de seguida para que a erva seque e demore mais tempo a crescer.

Quanto à melhor altura do dia para regar, a preferência vai para o final da tarde. Além do regante se livrar do calor no acto da rega, mesmo que a água disponível na horta seja pouca, a terra mantém-se fresca por mais tempo, uma vez que se segue a frescura da noite. Regados os cultivos na parte da manhã, apesar de haver mais água, regando-se mais rápido, pelo início da tarde a terra já se

encontra seca e os cultivos estiolam ao sol. No que se refere à rega do milho, a sombra da sua folhagem permite regar nas alturas de maior calor, fazendo sombra sobre o regante. Por outro lado, há também quem considere que a melhor altura do dia para regar depende da época do ano em questão, no Inverno, a rega deve fazer-se na parte da manhã porque *“sol e água é criador”*.

Também a pequena dimensão das hortas do Barrocal, associadas à cultura promíscua, permite uma gestão eficiente da água de rega. Ao mesmo tempo que se maximiza o aproveitamento do espaço da horta, poupa-se em água de rega e tempo despendido, regando-se ao mesmo tempo vários cultivos que partilham um espaço comum. Actualmente, além de no geral se semear menos, cada agricultor dispõe de maior porção de terra para hortar, tornando essa promiscuidade menos visível. No entanto, uma horta bonita é também para estas gentes *“uma horta composta de tudo”*. O que se semeia em quantidades muito pequenas (couves verdes, abóboras, morangos...) dispõe-se aos cantos das hortas e rega-se com o regador.

A mulher e a rega

O trabalho na horta é normalmente partilhado pelos diversos elementos da família, havendo, no entanto, tarefas reconhecidas como mais indicadas para cada um dos seus membros, variando em função da idade e do sexo. Lavrar, cavar, *‘enleirar’* a horta, são tarefas puramente masculinas. Depositar a semente na terra, fazer a sacha, a monda, regar e apanhar o fruto são as tarefas consideradas mais leves e, por vezes, efectuadas inteiramente pela mulher, enquanto o homem executa um trabalho mais pesado, utilizando ferramentas também mais pesadas. Uma imagem comum, na época das sementeiras, é ver as mulheres curvadas a depositarem as sementes na terra enquanto os maridos seguem atrás com a enxada tapando os *‘covates’*, depois de aplicado o estrume e, por vezes, também o amónio⁷ (por eles normalmente). O papel actual da mulher na horta é, sobretudo, o de auxiliar o marido.

Na altura de recolher os produtos, são normalmente elas que o fazem, principalmente os cultivos que se vão apanhando à medida do seu consumo (feijão, tomates, pepinos...). Nestes casos, a mulher tem uma maior percepção do seu estado de maturação consoante os pratos que pretenda cozinhar. No que respeita a apanha da batata ou do milho, porque realizadas de uma só vez, geralmente a família junta-se para em conjunto efectuar o serviço.

⁷ Salienta-se que, o uso deste produto pelos pequenos agricultores do Barrocal não é comparável ao seu uso excessivo pela agricultura convencional; entre produzir para consumo próprio e produzir para vender existe uma diferença abismal. A ciência hortícola popular inclui saberes respeitantes quer à fertilização dos solos e das culturas, passando pelo controlo de pragas, até à conservação dos alimentos, os quais merecem o devido aprofundamento, o que não nos coube neste estudo.

No entanto, há mulheres que tomam as rédeas da horta. Estas são, ou viúvas, ou não trabalham para fora, tendo em comum uma longa aprendizagem na agricultura, ao contrário dos maridos, no caso das últimas.

O trabalho que cabe a cada membro da família, tem contudo variado em função da conjuntura económica de cada época. No que respeita às crianças e jovens, verificou-se nos últimos 30 anos a diminuição da sua participação a favor da sua crescente escolarização. Eram trabalhos de criança nas hortas: tocar o burro na nora, verificar os alcatruzes de barro, cavar com sacho onde o arado não chegava, regar, ajudar nas colheitas e nas sementeiras. O primeiro trabalho de Leonilde aos 9 anos, residente no sítio das Várzeas, Freguesia de Querença, foi a regar milho no *'Morgado do Sousa Pires'* (onde os seus pais já trabalhavam), durante três meses, depois de ter saído da escola; no fim ganhou 300\$00 com os quais comprou um fio de ouro. Também o papel da mulher, na manutenção da horta, não foi sempre o mesmo, sendo em determinados períodos muito mais importante do que a de mero auxiliar do marido, sobretudo as mulheres que viviam nas proximidades das hortas. No decurso do século XX, quando os homens estavam ausentes por motivos de trabalho, nas temporadas da ceifa, a acartar lenha para os fornos de cal, a *'limpar árvores'*, *'talhar a terra'*... ou emigrados, eram as mulheres que, além das lides domésticas, se ocupavam integralmente da manutenção da horta, ficando a seu cargo praticamente a totalidade das regas inadiáveis. Se fosse necessário ir de noite regar, eram os maridos que iam. Nas situações em que estes estavam ausentes no estrangeiro, as mulheres faziam-se acompanhar por uma vizinha, filhos ou outros familiares, contratando os serviços de um homem para lavar e *'enleirar'* a horta.

Apesar disso, nesta sociedade rural, a tendência foi sempre no sentido da diferenciação de papéis entre homem e mulher. Cabendo a ela inteiramente os serviços domésticos (lavar roupa, cozinhar, arrumar a casa, lavar os terraços para deixar ir água para a cisterna...) e o cuidar dos filhos; a ele tem estado reservado sobretudo o trabalho fora de casa, quer seja no campo ou não. Este posicionamento feminino (dentro) e masculino (fora), relativamente à esfera doméstica, parece-nos estar presente no modo como os agricultores classificam a *'arregueira'* e o *'camalhão macho'*, no conjunto do sistema de rega organizado em *'leiras'* (veja-se Tomé, 2008). Segundo a sua explicação, o *'camalhão macho'* é considerado macho, porque se posiciona do lado de fora, fica sozinho e não leva *'comportas'*; a *'arregueira'* é considerada fêmea, porque se situa no lado de dentro do *'canteiro'* e contém *'comportas'* de um lado e do outro. Se observarmos minuciosamente a configuração geométrica que se forma a partir de dois *'canteiros'* paralelos entre si, separados por uma regueira ao centro, o conjunto assemelha-se-nos ao órgão sexual feminino, ocupando a *'arregueira'* uma posição de destaque, possibilitando a entrada da água que vai fecundar a terra. Neste sentido, a água de rega apresenta similitudes com o sêmen masculino (veja-se Tomé, 2008).

Como foi referido, no Barrocal, a existência de uma horta resulta necessariamente da união entre terra e água. Simbolicamente, estes dois elementos da natureza apresentam, na área em estudo, analogias com a sexualidade humana, expressas nas classificações que as gentes (agricultores mais idosos) fazem de determinadas práticas agrícolas, que lhes foram transmitidas pelos seus pais e avós, nas quais a terra aparece como elemento feminino e a água um elemento masculino. Assim, na lógica da reprodução, a água está para a terra como o homem está para a mulher; em última instância, podemos deduzir a importância do papel da horta, enquanto garante da reprodução e sobrevivência humana nesta sociedade.

Saberes ancestrais, problemáticas actuais

Em 1941, Orlando Ribeiro, o grande geógrafo português, em jeito de reflexão, efectuava a seguinte interrogação, bastante curiosa à luz da nossa problemática: *“Depois das nações ibéricas, que edificaram, com o seu sangue, mais de metade da América, que papel caberá ainda, na reconstrução futura, a essa gente pobre, resistente e activa?”* (Ribeiro 1998 [1941]).

Relativamente à região Algarvia, na tentativa de encontrar uma resposta para os desafios do presente, se quisermos construir os alicerces de uma economia sustentável, devemos olhar, sem preconceitos, para os saberes ancestrais das gentes locais, assente na relação histórica entre o homem e a natureza, um saber acumulado e geograficamente adaptado.

No caso do Barrocal, através da etnografia do Ciclo da Horta (do século XXI), verificámos que as suas gentes, historicamente habituadas à alternância entre mingua e excesso de água de rega, ainda transportam no seu quotidiano conhecimentos que lhes possibilitam gerir essa irregularidade, tendo em vista assegurar a produção de alimentos destinados ao auto-consumo familiar e assim garantir a sua sobrevivência.

Contudo, no Algarve, à semelhança de outras regiões do Mediterrâneo Sul, mudanças sociais profundas advindas do crescimento do turismo e do incremento do sector terciário, provocaram o declínio da agricultura tradicional, assistindo-se à intensificação de uma agricultura extensiva industrializada, e, conseqüente, ao afrouxamento do estado de alerta das populações locais, face aos riscos naturais. Colocando, desta forma, em cheque a continuidade de uma cultura tradicional de uso sustentável da terra e da água, o que poderá vir a ter custos elevados num futuro próximo.

Vejamos. Pelo uso abusivo de químicos e pesticidas, esta agricultura industrializada, representa hoje a principal fonte de poluição dos solos e das águas (Agudo, 2010), tornando as necessidades alimentares dos seres humanos num dos maiores perigos ambientais da actualidade, à escala planetária (Foley, 2014). E embora o mercado de produtos biológicos seja uma realidade (graças à crescente

procura), e uma boa alternativa aos problemas do presente, a Comunidade Europeia revelou, recentemente, algumas preocupações e reservas relativas ao crescimento deste sector: “*um desafio importante consiste na expansão e na capacidade de dar resposta à procura sem colocar em risco a confiança dos consumidores nos princípios da agricultura biológica e na qualidade dos produtos (...) no contexto das novas condições de mercado (...)*” (COM, 2014: 3).

Neste sentido, existem vários motivos para valorizar os conhecimentos e saberes locais, além dos meramente turísticos, museológicos... e até económicos; existem preocupações ambientais e alimentares reais. Esta pequena agricultura familiar tradicional, não convencional, de auto-subsistência, apelidada por alguns de jardinagem, é fruto do conhecimento acumulado, ao longo de muitas e muitas gerações, que por ser funcional perdurou até aos nossos dias. Um modo de produção que proporciona alimentos de grande qualidade a baixo custo, com baixa incidência de fertilizantes, pois existe grande diferença entre produzir para consumo próprio e produzir para vender. Além disso, como veremos mais à frente, esta pequena escala de produção torna eficaz a gestão de eventuais desperdícios alimentares, por parte dos agricultores. Aspectos que, desde logo, conferem à pequena horta do Barrocal Algarvio, actualidade à sua funcionalidade.

Aprofundemos um pouco. No contexto das alterações climáticas, acautelar e promover o uso adequado de um recurso vital como a água, mantendo activo o sistema de gestão da incerteza e risco no seu acesso, pode revelar-se essencial. No que respeita à água de rega, podemos considerar como princípio básico e transversal a qualquer calendário agrícola local, o aproveitamento directo da chuva sobre os cultivos. Como é o caso das sementeiras de sequeiro (trigo, cevada, batatas, alhos, fava, *greséus*, e grão-de-bico) cultivadas nas ‘*terras altas*’ do Barrocal e da sementeira das hortas nas ‘*terras baixas*’. Nas hortas, local de eleição das culturas ‘*regadas de rojo*’, aproveita-se igualmente a chuva para rega, por isso, os agricultores dão preferência às sementeiras do mês de Março, que consideram mais certas, pois para além de beneficiarem da rega da chuva, livram-se do calor excessivo (característico dos meses seguintes), correndo assim menos riscos no que respeita a eventuais faltas de água, caso se sequem poços e noras.

Para sua segurança e autonomia (vital sobrevivência em outros tempos), o agricultor do Barrocal efectua várias sementeiras, espaçadamente ou em simultâneo, quer no sequeiro quer na horta, nas terras altas e nas terras baixas, dando origem a colheitas temporãs e a colheitas serôdias, garantindo desta forma alimentos frescos por mais tempo. Nestas pequenas hortas, centradas no consumo da casa, ao longo do calendário agrícola anual, sucedem-se os mais variados produtos, desde a fava à batata-doce, passando pelas batatas redondas, alhos, cebolas, etc. Por este motivo, as gentes locais referem que “*uma horta bonita é uma horta composta de tudo*”, onde estão incluídos alimentos de variado valor nutricional, necessários a uma alimentação saudável. Funcionando a horta, também, como local

de armazenamento de produtos hortícolas frescos, resultando num menor desperdício de alimentos. Além disso, os produtos que já não apresentam condições para o consumo humano destinam-se a alimentar animais domésticos ou a produzir estrume (Tomé, 2008).

Sinal de prosperidade económica e factor de diferenciação social, possuir uma horta era, ainda nos anos 60 do séc. XX, uma das grandes ambições de quem vivia no campo (Cavaco, 1960; Stanislawski, 1963; Prista, 1993), associada à noção de qualidade de vida local. Eis uma frase que remete para essa noção de *bem-estar* e *Qualidade de Vida*, já existente junto dos habitantes do Barrocal, desde longa data: “*Éramos mais pobres, mas vivíamos melhor porque vivíamos perto das hortas e da água*”⁸. Foi em busca dessa qualidade de vida, possuir terra e água em proximidade, que muitos emigraram. Assim, a partir dos anos 70 do séc. XX, surgiram as hortas no quintal da casa, graças à abertura de furos de captação de água subterrânea (com o dinheiro da emigração), que, simultaneamente, vieram aprovisionar muitas habitações com água para o uso doméstico, na falta de água da rede pública. Mantiveram-se, no entanto, algumas hortas junto dos antigos regadios colectivos, com o objectivo, muitas vezes consciente ou inconsciente, de marcar presença nos campos, de manter vivo os antigos sistemas de partilha de água, e de garantir o direito à água⁹.

Implícita na expressão “*Há sempre quem cultive, porque há sempre velhos*”, proferida frequentemente por idosos, está a preocupação em legar intacto o património familiar às gerações futuras (Tomé, 2008), sendo que, cultivar aparece aqui no sentido implícito de cuidar/manter/conservar. Por exemplo: limpar as terras para as proteger de incêndios ou limpar as árvores para as manter produtivas. Atitude reveladora de *Capacidade Ética*¹⁰, isto é, ser capaz de sacrificar o presente com esforço e trabalho, mesmo quando as capacidades físicas o dificultam, embora o retorno possa não ser em benefício do próprio. Trata-se de uma lógica de prudência e necessidade de precaver o futuro, muitas vezes apenas com a finalidade de garantir a subsistência das gerações seguintes e a sua persistência no

⁸ Frase proferida por alguns residentes e ex-residente do Almarginho, por comparação aos habitantes da Nave do Barão, localidade contígua, a primeira perto da água, a segunda distante, ambas situadas na Freguesia de Salir, em 2006.

⁹ A paisagem do Barrocal Algarvio, composta predominantemente por terrenos calcários, secos e íngremes favoreceu o desenvolvimento de uma economia tradicional centrada nos arvoredos de sequeiro (alfarrobeiras, oliveiras, etc.) e nos cultivos de sequeiro (favas, grão-de-bico, etc.), sendo que os terrenos propícios ao regadios representavam uma pequena percentagem dos terrenos existentes. Para termos uma ideia mais exacta, refira-se que, nos anos 50 do séc. XX, elas ocupavam apenas 6% da superfície total da região (Feio, 1949; Ferro, 1956). E, não obstante, a expansão do regadio, a partir dos anos 70 (séc.XX), tendo-se verificado a substituição de pomares de sequeiro por pomares irrigados de citrino, bem como o aumento exponencial das áreas hortícolas industrializadas, predomina na paisagem Algarvia do séc.XXI as áreas de sequeiro devido à aridez que predomina no território.

¹⁰ Na acepção de Luís Archer (2000), citado por ARAÚJO, Joana, Carvalho, Ana Sofia e Renaud, Michel em «A Água e a ética», in MALCATA, F. Xavier (Coord.) (2009), *Água: um desafio sem espaço nem tempo*, Lisboa, Universidade Católica Editora, pp. 57-68.

tempo. Posição totalmente contrária ao consumismo e delapidação desenfreados dos recursos da terra a que assistimos hoje em dia.

Por outro lado, nesta área geográfica, a poupança de água de rega passa também por manterem-se activas as antigas zonas agrícolas (naturalmente mais frescas) e os seus regadios tradicionais, colectivos ou individuais, de “*águas de rojo*” ou “*águas tiradas*”, quer aproveitando as águas de ribeira quer aproveitando as águas de noras e poços¹¹, reabilitando pontos de água e infra-estruturas de rega que se encontrem cobertos de silvas e fora de uso. Evitando-se, deste modo, a abertura de novas perfurações particulares que, frequentemente, interferem nas disponibilidades de água dos regadios mais antigos, alguns deles colectivos¹².

Na expectativa de contribuir para futuros aprofundamentos, neste texto discorreu-se de forma introdutória sobre alguns dos contributos que os saberes ancestrais, podem trazer para a gestão dos novos riscos. Deixo em aberto questões da actualidade, para cuja reflexão julgamos úteis o aprofundamento daqueles saberes: Como poderá o Algarve enfrentar as referidas problemáticas actuais sem comprometer o seu desenvolvimento socioeconómico futuro, garantindo ao mesmo tempo o uso sustentado da terra e da água (fonte primária de sustentabilidade social) às gerações futuras? Que Modelo de Resiliência para o Algarve? E se, de repente, fechassem as fronteiras, deixando de estar disponíveis hortícolas e outros bens nos supermercados?

Embora as técnicas e os saberes do presente etnográfico sejam históricos, na medida em que precedem no tempo os seus utilizadores (Iturra, 1991), a pesquisa empreendida demonstrou que o agricultor do Barrocal, com o intuito de melhor se adaptar às condições locais, frequentemente experimenta novas práticas, umas adoptadas de outros agricultores, outras inventadas pelo próprio. Este comportamento está bem presente nas expressões, “*ainda não fiz essa experiência*” ou “*isto é uma experiência*”, as quais podem estar associadas a novas maneiras de semear, ou ao uso de ferramentas improvisadas, adaptados ao momento, e outros procedimentos. Neste sentido, pode afirmar-se que o agricultor do Barrocal não vive fechado sobre si próprio, limitando-se a reproduzir os saberes herdados sem os questionar. Muito pelo contrário, as adversidades que desde sempre enfrentou tornam-no criativo e inventivo, à semelhança da agricultura que pratica: policromada na sua conjugação de recursos.

Nesta sociedade rural do Barrocal Algarvio, pelo seu peso ancestral na sobrevivência directa das gentes, as hortas ocupam um lugar de destaque. Cultivar uma horta, além de representar um complemento importante à subsistência familiar, fazendo parte integrante do modo de vida local, é fulcral a uma cultura da água atenta aos extremos, e reveladora de forte capacidade de convivência com a

¹¹ Águas impróprias para consumo humano, mas próprias para o uso agrícola.

¹² Ou interferindo em águas de abastecimento público, de que são exemplo alguns fontanários na área em estudo.

escassez e o excesso de água. O que faz da horta um dos maiores valores patrimoniais desta sub-região Algarvia.

Estamos pois, perante uma sociedade resiliente, de exímios agricultores, com capacidade de adaptação a adversidades climáticas, que conhece bem os recursos locais e a melhor forma de os conjugar em benefício próprio, com quem muito há para aprender. Neste artigo reportamo-nos às hortas do Barrocal Central, no entanto, no Algarve existem outras zonas de horta com os seus calendários específicos, as *hortas da Serra do Caldeirão*, as *hortas da Serra de Monchique*, as *hortas do Litoral Sotavento*, etc., e às quais estão associados outros saberes que vêm completar a sabedoria ancestral das gentes Algarvias na sua relação com a natureza.

Bibliografia

- AGUDO, Pedro Arrojo (2010), *Crisis Global Del Agua: valores y derechos em juego*, Barcelona, Edicions Rondas.
- ARAÚJO, Joana, Carvalho, Ana Sofia e Renaud, Michel (2009) «A Água e a ética», in MALCATA, F. Xavier (Coord.) (2009), *Água: um desafio sem espaço nem tempo*, Lisboa, Universidade Católica Editora, pp. 57-68.
- BAPTISTA, Fernando Oliveira (2004), «Espanha e Portugal, um século de questão agrária», in Dulce Freire, Inês Fonseca e Paula Godinho (Coord.), *Mundo Rural. Transformações e Resistência na Península Ibérica (séc.XX)*, Lisboa, Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa, Colibri, pp. 15-51.
- CAVACO, Carminda (1960), *Paisagem e Vida Rural numa Aldeia Algarvia: Boliqeime*, F.L.L. – U.C.L. – C.E.G., Lisboa, Tese de Licenciatura.
- COM (2014) 179 final de 24.03.2014 «Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, Ao Comité Económico e Social Europeu e Ao Comité das Regiões – Plano de Acção para o futuro da produção biológica na União Europeia». Disponível em: http://ec.europa.eu/agriculture/organic/documents/eu-policy/european-action-plan/act_pt.pdf
- FEIO, Mariano (1983 [1949]), *Le Bas Alentejo et l'Algarve*, Évora, Centro de Ecologia Aplicada da Universidade de Évora/ Instituto Nacional de Investigação Científica.
- FERRO, Gaetano (1956), *L'Álgarve. Monografia Regionale*, Génova, Società d'Arte Poligrafica.
- FNCA (2005), *Declaración Europea por la Nueva Cultura del Agua*, Zaragoza, Fundación Nueva Cultura del Agua.
- FOLEY, Jonathan (2014), «Cinco propostas para alimentar o mundo», in *Revista Nacional Geographic Portugal*, Maio 2014, pp.3-31.
- ITURRA, Raúl (1991) «A Aldeia: Presente Etnográfico, Passado Histórico – Propostas Metodológicas Exploratórias», in O'NEILL, Brian Juan e Brito, Joaquim Pais (Org.) (1991), *Lugares de Aqui – Actas do Seminário «Terrenos Portugueses»*, Lisboa, D. Quixote, pp. 238 e 239.
- LOURO, Victor (Coord.) (2004), *Desertificação. Sinais, Dinâmica e Sociedade*, Lisboa, Instituto Piaget.
- ONU (1994), *Convenção das Nações Unidas de Combate à Desertificação nos Países Afectados por Secas Graves e/ou Desertificação*, particularmente em África. Disponível em: <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/ei/unccd-PT/a-convencao/unccd>
- PRISTA, Pedro (1993), *Sítios de Querença, Morfologias e Processos Sociais no Alto Barrocal*, Lisboa, ISCTE, Tese de Doutoramento.
- RIBEIRO, Orlando (1998 [1941]), *Portugal, O Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa, Sá da Costa.
- STANISLAWSKI, Dan (1963), *Portugal's Other Kingdom. The Algarve*, Austin, U.T.P.
- TOMÉ, Sónia (2008), *A Água Dá, A Água Tira. Gestão Social dos Extremos da Água (Seca e Torrencialidade) no Barrocal Algarvio*, Lisboa, ISCTE-IUL, Tese de Mestrado. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/1470>
- TOMÉ, Sónia (2012), *A Água Dá, A Água Tira. Um Estudo Sobre a Cultura Tradicional da Água no Barrocal Algarvio, Freguesias de Querença, Tôr e Salir do Concelho de Loulé, Várzea da Rainha, Sinapis*. Disponível em: <https://www.sinapis.pt/collections/livros?page=4>



Figuras 1 e 2 – SECAS E ENXURRADAS. No Barrocal Algarvio, zona clássica de regime torrencial, são frequentes as situações de seca e excesso de água. Na figura 1, “nora do batata”, em 2005, anos de seca severa, foi necessário introduzir um tubo a maior profundidade, para puxar a água de rega. Na figura 2, em contrapartida, pouco tempo depois, em Novembro de 2005, como resultado das chuvas torrenciais, as hortas dispostas nas margens da Ribeira das Mercês, foram varridas por pedras que semearam a destruição. Loulé, Freguesia de Salir e Querença, respectivamente. (Sónia Tomé)



Figura 3 – LAVRA COM BURRO. *Regadio do 'Nascente'*, Freguesia de Salir, Loulé, 2006. (Sónia Tomé)



Figura 4 – TIRAR ÁGUA À NORA. Em 2006, perto do Sítio Classificado da Rocha da Pena, Freguesia de Salir, Loulé, fomos ainda encontrar um idoso a tirar água de uma nora com o auxílio de um burro, tratando-se de caso único na região em estudo. (Sónia Tomé)



Figura 5 – “REGA DE ROJO”. *Almarge*, Freguesia de Salir, Loulé, 2006. (Sónia Tomé)



Figura 6 e 7 - MULHER A REGAR. *Quinta*, Freguesia de Salir, Loulé, 2005. (Sónia Tomé)



Figura 8 – A HORTA COMO UM JARDIM. Na residência de Leonilde Guerreiro, nas Várzeas de Querença, tal como em outras habitações do Barrocal Algarvio, a horta é o jardim da casa, ocupando a frente e as traseiras do quintal. Simultaneamente comestível, lugar de fruição e contemplação. Fotografia cedida por Leonilde Guerreiro. (2005)

